

TÉCNICAS DE PRODUÇÃO EM JORNALISMO LITERÁRIO SOB A PERSPECTIVA EUCLIDIANA: PROPOSTAS E CONSIDERAÇÕES

Andreia Rosmaninho*

Resumo: Este trabalho vem a lume para tecer considerações acerca do ensino de jornalismo literário nas universidades, bem como para propor estratégias de incentivo a esse tipo de produção entre os discentes dos cursos de Comunicação e Letras. Acredita-se que, partindo do estudo da experiência euclidiana, o docente tem condições de viabilizar produções de qualidade semelhantes à obra-ícone do novo jornalismo.

Palavras-chave: Jornalismo literário; novo jornalismo; Euclides da Cunha.

■ **J**ornalismo literário, jornalismo diversional, novo jornalismo, literatura de não-ficção, literatura criativa não-ficcional, literatura da realidade, literatura do real, narrativa de transformação, histórias de vida, co-criação da realidade e narrativas da vida real são algumas das terminologias adotadas ao longo da história para designar a modalidade de prática de reportagem, entrevista e pesquisa jornalísticas que culmina com a produção de estruturas narrativas cujo conteúdo é portador de profundidade e a forma da redação é inspirada na singularidade literária¹.

Foi em meados da década de 1960 que o jornalismo literário se consolidou, originalmente nos Estados Unidos, como uma modalidade inovadora da prática de reportagem. No Brasil, ecos do movimento geraram seguidores, e a narrativa da vida real foi intensamente praticada, sobretudo na revista *Realidade* e no *Jornal da Tarde*.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: drekinha@hotmail.com.
1 TextoVivo – Narrativas da vida real. 2003. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em: 16 set. 2005.

Por este se tratar de um estudo baseado na prosa euclidiana, o conceito de livro-reportagem é também digno de registro. Edvaldo Pereira Lima (1993) assim define o produto:

Veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio. Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar. Entre os tipos de livros-reportagem mais comuns estão a reportagem biográfica, o livro-reportagem-denúncia e o livro-reportagem-história².

Assim, é igualmente necessária uma nota sobre o que se denominam “narrativas de vida”. Para o mesmo autor, esse conceito:

é um recurso de representação da realidade centrado em vidas de pessoas individuais ou grupos sociais. Surge como trabalho autobiográfico, de suporte de pesquisa ou de principal veio narrativo. Sob guarda-chuva conceitual amplo, num extremo abrange biografias e noutra, perfis. Em ciências sociais, Histórias de Vida é método de pesquisa³.

Embora literatura e jornalismo pareçam frutos provenientes de propostas diametralmente opostas, é possível afirmar que é tênue a linha que separa esses gêneros. Isso porque ambos os exercícios são resultantes de um mesmo investimento – que é o processo criativo.

Denise Bragotto (2003, p. 28), estudiosa da área de criatividade verbal, enumera as cinco características do que chamou de “ser criativo”:

1. É não se deixar tragar pela mediocridade e pela rotina. 2. É ver algo de forma diferente da comum. 3. É não ser massificado e robotizado por um sistema maquinal e simplista. 4. É não ser apagado pelo conformismo. 5. É saber que é possível participar da história e dar sua parcela de contribuição a ela.

Em determinados ensaios – como no caso de *Os sertões* –, jornalismo e literatura são práticas que se tocam, uma vez que é comum ficção e realidade se fundirem em manifestações artísticas. No exemplo da experiência euclidiana, fica evidente que há a manutenção de propriedades inerentes tanto ao jornalismo (entre as quais, imersão na realidade, fidelidade factual, exatidão documental e responsabilidade social) quanto à literatura (a saber, subjetividade, preocupação formal, estilo autoral e seleção vocabular). Assim, muitas particularidades do texto jornalístico conservam-se e são observadas, ainda agora, no texto da obra em formato de livro.

Partindo dos pressupostos de que entre o exercício do jornalismo e a prática da literatura existem várias nuances de modalidades; e de que em meio aos dois extremos encontra-se o jornalismo literário (gênero híbrido que se preocupa tanto com a carga informativa quanto com a qualidade estética da produção), acredita-se que o escritor transita entre um gênero e outro, fazendo uso, ao mesmo tempo, de fidelidade factual e cautela documental e de capricho estilístico e emprego de subjetividade, para compor sua obra – aspectos esses inerentes à técnica de relatar com literariedade.

Para tanto, parece fundamental a discussão de um conceito-chave: o de literariedade. Explicar a significação dessa idéia e demarcar sua extensão e limi-

² TextoVivo – Narrativas da vida real. 2003. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em: 16 set. 2005.

³ TextoVivo – Narrativas da vida real. 2003. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em: 16 set. 2005.

tes é o ponto de partida sobre o qual este trabalho está fundado. Assim, o termo literariedade será tomado aqui com o conjunto de singularidades que tornam uma produção aceita pelo sistema literário.

PROSA EUCLIDIANA: UM EXEMPLO A SER SEGUIDO

Euclides da Cunha, um dos maiores escritores brasileiros, foi também, de acordo com o conselho editorial da empresa para a qual trabalhou, um dos grandes jornalistas da história. Sua contribuição é assim exaltada por Júlio de Mesquita (1897): “O doutor Euclides da Cunha é, como todos os nossos leitores sabem, um escritor brilhante e perfeitamente versado nos assuntos que vai desenvolver. O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá um valioso documento para a história nacional”.

Criador de uma experiência única na literatura brasileira (que rendeu ao engenheiro significativa projeção como escritor e jornalista), em *Os sertões*, Euclides trouxe à tona, no início do século XX, o jornalismo literário – gênero tão agradável de ler quanto trabalhoso de produzir. A instituição da linguagem figurada, rica em significados e, por vezes, contaminada emocionalmente pelos sentimentos de seu emissor, é uma constante na obra em questão, apesar do caráter jornalístico do texto. Portador de intenções científicas, o texto euclidiano busca fundamentações para o atraso do interior em relação ao restante do país, e do Brasil em relação às demais nações. À luz das teorias positivistas vigentes na época, a produção, além de narrar a sucessão de acontecimentos da Guerra de Canudos, analisa o caráter da luta, as características da caatinga e o perfil do sertanejo por meio das ciências naturais.

Reconhecendo que as matérias que originaram o livro *Os sertões* passaram por um processo de editorialização⁴ e realinhamento ético e estético nas mãos do próprio autor – no concernente não só ao aspecto conteudístico, como também, e principalmente, no que diz respeito ao aspecto formal –, este estudo baseia-se também no exame da referida evolução, que ocasionou a produção de uma obra considerada um importante relato do ponto de vista histórico e científico e um grandioso feito literário, portador de indiscutível qualidade estética.

Como se sabe, existem duas versões de *Os sertões*. A primeira delas trata dos primeiros textos produzidos pelo escritor, entre os meses de julho e outubro de 1897, publicados no mesmo período pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. A segunda refere-se à última edição feita pelo autor, com alterações datadas de 27 de abril de 1903 – edição essa mais conhecida atualmente. Comparando primeira e última versões, para identificar os recursos empregados rumo ao aumento do grau de literariedade dessa obra, nota-se que a produção toma uma feição ainda mais rica, sobretudo do ponto de vista artístico, sendo possível observar nessa a ocorrência de movimentos em busca de um aprofundamento da estetização do pensamento euclidiano.

Percebe-se que, além de ter havido em *Os sertões* uma revisão de postura em termos conceituais por parte do escritor, ocorreu também uma importante

4 O termo é proveniente do jargão jornalístico e designa o processo de refeitura e reelaboração de texto ou material impresso. É aqui fixado como o caminho de reestruturação percorrido por um determinado autor que pretende o aperfeiçoamento e a alteração estética da obra. Neste estudo, a referida expressão é empregada como o conjunto de movimentos, de responsabilidade do respectivo editor (daí o prefixo sintagmático *editorial*), rumo ao aprimoramento formal e à evolução estilística da produção.

preocupação de retomada de um percurso em direção ao engrandecimento literário da obra.

Livre dos preconceitos particulares de um republicano de formação militar e isento das restrições impostas pela postura editorial reacionária característica do veículo de comunicação para o qual escreveu, Euclides (2000, p. 10) afirma já na nota preliminar do livro: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”. Fica clara, pois, a intencionalidade do escritor, que, dessa vez, busca uma revisão conceitual sobre o que outrora discutiu, com a finalidade de ser fiel ao que realmente reconhece como verdade.

Da mesma forma, manobras de enriquecimento estético fazem-se presentes na transformação dos artigos em livro. Tal estratégia, que em particular interessa aos estudos literários, ora se dá pela implementação de um tom poético ora pela ampliação do número de ocorrências de figuras de estilo, entre as quais oxímoros e sugestões metafóricas, ora ainda pelo aumento do grau de subjetividade e de ficcionalização do discurso.

Assim, foi por meio da reelaboração do código que a produção euclidiana deixou de ser uma porção de notas de reportagem e algumas páginas de jornal para tornar-se uma das mais expressivas obras da literatura brasileira.

De acordo com o que já foi afirmado, é bebendo tanto das águas da literatura (gênero discursivo calcado nos preceitos da subjetividade, da invenção de uma realidade, da preocupação formal, da liberdade total de criação, do estilo autoral, do exercício imaginativo, da seleção vocabular, da iniciativa individual) quanto das propriedades do jornalismo (modalidade que pressupõe a existência da objetividade, da imersão na realidade, da preocupação conteudística, da fidelidade factual, do estilo padronizado, da exatidão documental, da linguagem clara e direta, da responsabilidade social) que o jornalismo literário se funda numa forma de expressão que transita entre o objetivo e o subjetivo, entre a ficção e a não-ficção, entre a razão e a emoção.

Para a produção de sua prosa, Euclides circula entre os terrenos da fantasia e da realidade.

No concernente à carga conteudística de *Os sertões*, presume-se que o autor explicita o exercício das técnicas de reportagem, entrevista e pesquisa jornalísticas, deixando claro o princípio de imersão na realidade. Ao mesmo tempo, no que concerne aos aspectos formais, firma-se que a narrativa euclidiana apresenta um elevado grau de elaboração do código, de investimento criativo e de particularidades estilísticas.

No processo de ampliação da obra, pode ser observada elevação tanto no grau de literariedade quanto no teor de historicidade do texto. A nova organização compõe uma produção literária, mas que permanece se alimentando da concretude e de elementos não-ficcionais. Em outras palavras, a prosa é baseada na factualidade do mundo real.

Igualmente importantes são as heranças compreendidas em certos ensaios do gênero jornalístico-diversional que, apesar de terem pretensões não-ficcionais, são portadores de literariedade e de qualidade estética. Tomam-se como exemplo algumas experiências de grandes reportagens e de livros-reportagem que abandonam os moldes dos manuais de redação e nas quais o exercício da criatividade e a humanização do relato fazem-se presentes.

Não é exagero dizer, portanto, que o *consórcio da ciência e da arte*, postulado por Euclides e seguido até os dias atuais na prática do jornalismo literário, é a mais elevada tendência para o registro tipográfico dos conhecimentos humanos, de modo que forma e conteúdo, quando desenvolvidos plenamente, culminam com a produção de obras riquíssimas e conceitualmente semelhantes à experiência euclidiana.

TÉCNICAS DE PRODUÇÃO EM JORNALISMO LITERÁRIO

É delimitando com considerável grau de concretude, já no final do século XX, que Norman Sims (1999) aborda a interdiscursividade da literatura e do jornalismo. Para o autor, o gênero jornalístico-literário reúne propriedades de ambas as ordens, a saber, imersão, autoria, estilo, precisão, simbologia, digressão e humanização. Explorando cada uma das sete particularidades mencionadas, o teórico sistematiza o conhecimento sobre a editorialização na literatura de não-ficção.

Assim, as referidas características foram praticadas por Euclides instintiva e intuitivamente. A prescrição das propriedades em sistema, contudo, surgiu nos últimos anos.

A imersão na realidade é a primeira postura rumo à editorialização do relato e refere-se basicamente ao posicionamento interativo e proativo que o repórter deve ter diante da temática a ser desenvolvida. Explorar o assunto por meio da experimentação, com a finalidade de obter o mais profundo conhecimento e a mais efetiva compreensão acerca do objeto discutido, é a principal proposta quando se visa à produção de narrativas da vida real.

Um dos princípios ligados à literatura que permeiam a prática de jornalismo literário é o emprego da voz autoral. A singularidade e a originalidade, também relacionadas à recorrência e ao reconhecimento estilísticos, estão diretamente ligadas à capacidade inventiva do produtor. Apesar da obrigatoriedade de objetivar o mais baixo índice de distorção possível, o artista deve trazer os fatos a partir de seleção e filtragem particulares. Assim, o estilo de um autor estabelece-se (e pode ser reconhecido) no conjunto da produção por meio da depreensão de duas instâncias: singularidade e recorrência.

Da mesma forma, a necessidade de precisão de dados e de informações é uma característica que está diretamente ligada à prática do jornalismo. O compromisso com a verdade – e não só com a verossimilhança – é o que se espera de uma cobertura séria e independente.

O uso da linguagem simbólica e o emprego de sugestões metafóricas são também importantes características inerentes à técnica de relatar com literariedade. No presente caso, o jornalista conta com a possibilidade de lançar mão de licenças poéticas e de artifícios estilísticos para a composição de sua obra.

A digressão de Sims (1999) refere-se à capacidade de produzir vínculos intertextuais e de buscar novas formas de abordagem do tema sobre o qual o autor vai discorrer. Conduzir a narrativa por outros caminhos, desviar de formatos convencionais e excursionar pelas diversas áreas do conhecimento, mais do que gerar uma obra enciclopédica do ponto de vista conteudístico, culmina com a feitura de um trabalho sobremaneira enriquecido do ponto de vista formal.

Por fim, é na humanização da exposição que o autor tem condições de produzir uma obra com particularidades emocionais. Diferentemente dos casos de

coberturas cotidianas, o distanciamento relatorial é comumente evitado, ou permeado por elementos que tornam o texto mais compassivo e, portanto, mais sociável. De acordo com Sims (1999), essa é a mais importante característica do gênero, de modo que quaisquer das seis propriedades anteriores podem eventualmente faltar em um determinado texto, mas nunca a humanização do relato.

Dessa forma, as referidas conceituações, apesar de datarem do final do século XX, sistematizam eficientemente os princípios que regem a feitura da obra de Euclides.

Em síntese, o fenômeno interdiscursivo que dá origem à literatura de não-ficção mistura os gêneros discursivos jornalístico e literário, priorizando em iguais medidas e equilibradamente a consolidação de componentes formais e conteudísticos.

INCENTIVO À PRÁTICA

Conforme dito anteriormente, é fazendo uso de propriedades da literatura – gênero calcado nos preceitos da subjetividade, da invenção de uma realidade, da preocupação formal, da liberdade total de criação, do estilo autoral, do exercício imaginativo, da seleção vocabular e da iniciativa individual – e de características do jornalismo – modalidade que pressupõe a existência da objetividade, da imersão na realidade, da preocupação conteudística, da fidelidade factual, do estilo padronizado, da exatidão documental, da linguagem clara e direta e da responsabilidade social – que o jornalismo literário funda-se numa forma de expressão que transita entre história e criação.

Dessa forma, pode-se afirmar que entre o exercício do jornalismo e a prática da literatura existem vários graus de modalidades. Em meio aos dois extremos, encontra-se o jornalismo literário, gênero que se preocupa tanto com a carga informativa quanto com a qualidade estética do produto. A fidelidade factual, a cautela documental, o capricho estilístico e o emprego da subjetividade tornam-se aspectos inerentes à técnica de relatar acontecimentos reais com alguma carga de literariedade.

Ao priorizar as respostas às questões básicas “o quê?”, “quem?”, “como?”, “quando?”, “onde?” e “por quê?” – aplicando a estrutura da “pirâmide invertida” ou do “nariz de cera” proposta pelos manuais de redação –, entretanto, a prática do jornalismo convencional aborta toda e qualquer possibilidade de haver, no texto, o desenvolvimento de um estilo mais atraente. Em contrapartida, à medida que o produtor do texto assume uma postura criadora diante do tema e desenvolve as qualidades estilísticas da obra, mais próximo o produto fica de uma produção artística.

Amplamente empregado por jornalistas, escritores, historiadores e cientistas sociais, o gênero jornalístico-literário baseia-se nas habilidades descritivas do autor e em processos de criação cujos traços básicos são os já mencionados: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos e metáforas, digressão e humanização.

Promover a desvinculação de fórmulas e incentivar a liberdade de criação entre os alunos por meio do contato com produções do novo jornalismo é uma prática que deve ser desenvolvida em sala de aula. A procura por formas menos automatizadas e, portanto, mais literárias é capaz de fazer que surjam experiências artísticas diferenciadas entre os discentes.

REFERÊNCIAS

BRAGOTTO, Denise. *Escola de poetas em busca do cidadão criativo*. Campinas: Komedi, 2003.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MESQUITA, Júlio de. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo. p.A2, 30 jul. 1897.

SIMS, Norman. *Literary journalism*. USA: Ballantine Books, 1999.

ROSMANINHO, A. Techniques of production in literary journalism from Euclides da Cunha's perspective: proposals and comments. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 8, n.1, p. 66-72, 2006.

Abstract: This work comes the light to make comments about the teaching of literary journalism in the universities, as well as to propose strategies of incentive to this kind of production among the students of the courses of Communication and Language. We believe that, starting from the study of the Euclides da Cunha's experience, the teacher is able to make possible productions of similar quality to the workmanship-icon of the new journalism.

Keywords: Literary journalism; new journalism; Euclides da Cunha.